



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CAPANEMA
FACULDADE DE LETRAS

FRANCYELLE RIBEIRO SANTOS

**ESCRITA DE TESTEMUNHO E RESISTÊNCIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS
NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA.***

CAPANEMA

2023

FRANCYELLE RIBEIRO SANTOS

**ESCRITA DE TESTEMUNHO E RESISTÊNCIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS
NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO*: DIÁRIO DE UMA FAVELADA.**

Artigo Científico apresentado à Universidade Federal do
Pará, como requisito para obtenção do título de
Licenciado em Língua Portuguesa.

Orientadora: Dra. Liliane Batista Barros

CAPANEMA

2023

Escrita de Testemunho e Resistência de Carolina Maria de Jesus na obra *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*.

Francielle Ribeiro Santos ¹

RESUMO: O presente trabalho propõe-se a discutir sobre o testemunho e a resistência na escrita de Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra e pobre, que rompeu com as barreiras sociais e culturais de sua época ao escrever de maneira muito simples a obra *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*. Esta obra, publicada pela primeira vez em 1960, é decorrência do testemunho convincente das vivências da escritora e dos moradores da favela do Canindé em São Paulo. Os relatos escritos no diário da catadora de papel são uma poderosa manifestação de resistência contra as condições adversárias nas quais ela e sua comunidade enfrentaram na época. Este artigo analisará como a escrita de Carolina Maria de Jesus representa uma forma significativa de testemunho e resistência explorando o contexto social e cultural em que a autora viveu, os temas envolvidos em sua obra e o impacto de sua escrita na literatura brasileira.

Palavras-Chaves: Carolina Maria de Jesus; Escrita; Resistência e Testemunho.

INTRODUÇÃO

O presente artigo procura refletir sobre a escrita de testemunho e resistência na escrita da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus por meio de sua primeira obra intitulada *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* (2020), publicada pela primeira vez em 1960, a fim de que se possa perceber que o motivo pelo qual a escrita de Carolina Maria de Jesus é considerada de testemunho e resistência é devido ao seu caráter autobiográfico quando a escritora escreve sobre as condições de vida dos moradores da favela do Canindé em São Paulo em meados da década 50, na qual ela também se insere. Neste trabalho, antes de mais nada, propõe-se apresentar um pouco da biografia e trajetória da escritora antes de escrever o *best-seller Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, sobre o olhar da biografia completa de Farias (2018). ²

Carolina Maria de Jesus nasceu no dia 14 de março de 1914, em uma comunidade rural de Sacramento, no interior de Minas Gerais. Filha fora do casamento, não conheceu o pai João Cândido Veloso pessoalmente, foi criada pela mãe Maria Carolina de Jesus, lavadeira e analfabeta, também conhecida como dona Cota. Carolina Maria, também conhecida pelo

¹ Graduanda do Curso de Letras – Habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará. E-mail: francyelletexeira@gmail.com

² Tom Farias é jornalista, escritor, crítico literário, pesquisador, biógrafo, dramaturgo e roteirista. Publicou Carolina: uma biografia pela editora Malê – Rio de Janeiro em 2018.

apelido de “Bitita”, aos sete anos de idade ingressou no colégio espírita Allan Kardec em Sacramento, o qual foi pago pela Maria Leite Monteiro de Barro, patroa de sua mãe na época. No entanto, Carolina precisou largar os estudos aos nove anos de idade, na segunda série do ensino fundamental primário, entretanto ela já sabia ler e escrever.

A escritora brasileira cresceu em uma família com pessoas muito pobres e analfabetas, na casa onde morava não havia livros, revistas ou jornais, dona Cota ao notar a tristeza da filha sugeriu que ela pedisse um livro emprestado para a vizinha, dessa maneira o primeiro contato de “Bitita” com um livro foi através da leitura do romance *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, a qual se tornou a sua leitura favorita, anos depois a leitura *Dicionário Prosódico do Brasil e Portugal*. Embora tenha sido obrigada a abandonar os estudos para se mudar com a mãe para a roça, Carolina não abandonou o gosto pela leitura.

Nesse sentido, desde a triste infância e adolescência em Sacramento até à chegada na Cidade de São Paulo em 1937, a realidade da vida de Carolina Maria de Jesus é atravessada pela pobreza, discriminação racial e exclusão social, a escritora mineira passou a morar na favela do Canindé sendo mãe solo de três filhos, também encontrou condições desumanas de moradia, falta de acesso à educação aos filhos e oportunidades extremamente limitadas. Apesar de todas as dificuldades, a escritora mineira encontrou uma maneira de resistir e se expressar por meio da escrita. Uma vez que antes mesmo de Carolina começar a escrever o diário da favela do Canindé, ela já escrevia poesias.

A obra *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada é a obra mais conhecida de Carolina Maria de Jesus. Foi publicada pela primeira vez em 1960, com a ajuda do repórter Audálio Dantas. Audálio descobriu Carolina Maria de Jesus quando cobriu uma reportagem sobre a favela que se expandia às margens do rio Tietê, no bairro do Canindé, em São Paulo. Ao conhecer Carolina, o repórter descobriu os cadernos encardidos que Carolina guardava em seu barraco, nestes diários estava registrado o cotidiano da favela. Dantas ao ler os cadernos ficou impressionado com a autenticidade do texto, percebendo que ninguém poderia contar melhor a história da favela do que a própria Carolina. Em seguida, ele apresentou o diário de Carolina a um editor, no qual foi publicado como o livro *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada.

O livro é um diário escrito por Carolina, no qual retrata a vida cotidiana da escritora na favela do Canindé na década de 1950 na cidade de São Paulo. Nesta obra analisada em específico, Carolina testemunha e denuncia a realidade da favela onde residia, expondo o descaso dos políticos da época, assim como as dificuldades vivenciadas como a fome, a pobreza, o racismo e sobretudo a exclusão social que ela e os moradores enfrentavam diariamente na favela do Canindé.

Carolina Maria de Jesus faleceu aos 62 anos no dia 13 de fevereiro de 1977, na cidade de São Paulo. Sua morte marcou o fim da vida de uma escritora que deixou um legado enorme na literatura brasileira, especialmente por meio de suas obras que testemunharam as condições de vida de uma mulher negra, pobre e semianalfabeta. A data de seu falecimento representa o encerramento da trajetória de uma autora contemporânea, cuja escrita continua a ser estudada e celebrada tanto no campo escolar, quanto no campo acadêmico como um exemplo de literatura de testemunho, resistência e representatividade dentro e fora do Brasil.

Além da obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* ser traduzida em 14 países, Carolina Maria de Jesus escreveu poesias, letras de músicas, provérbios, entre outros, assim como publicou outras obras importantes, incluindo: *Casa de Alvenaria* (1961); *Pedaços da Fome* (1963); *Provérbios* (1963); *Diário de Bitita* (1986); *Meu Estranho Diário* (1996) e *Onde Estaes Felicidade?* (2014).

Para entender a escrita de testemunho e resistência de Carolina Maria de Jesus, especificamente na obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2020), buscou-se como suporte teórico: Bosi (2002), Farias (2018), García (2003), Salgueiro (2012) e Seligmann (2003).

CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL

Para compreender o testemunho e a resistência na escrita de Carolina Maria de Jesus na obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, é importante considerar o contexto histórico e social no qual a escritora brasileira vivenciou antes e depois de morar na favela do Canindé em São Paulo. A década de 1950 no Brasil foi marcada pela industrialização acelerada, o que atraiu migrantes de áreas rurais para as cidades em busca de empregos. Muitos deles acabaram em favelas superlotadas, enfrentando condições de vida precárias e falta de serviços básicos, como o caso de Carolina segundo Farias (2018, p.114):

(...) desde as crises financeiras que abalaram as grandes corporações, com impacto no mundo inteiro - derruindo centenárias fazendas, em especial no interior -, o que acarretou em uma migração maior da gente rural para o grande centro, caso da Carolina Maria (...), a capital do Estado, por exemplo, sofre com o aumento da densidade populacional, mas sem estrutura para absorvê-la(...).

Diante disso, é importante ressaltar que antes de morar na favela do Canindé Carolina se deparou com o triste cenário da “grande cidade”, ela chegou a trabalhar em muitas casas de

família como doméstica, porém não permanecia nos empregos por muito tempo, visto que ela estava sempre lutando em busca do sonho de se tornar uma escritora reconhecida. Antes do sucesso de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2020), Carolina visitava editora de jornais com a pretensão de publicar as suas poesias. Em uma entrevista, Carolina consegue expressar sua admiração ao presidente Getúlio Vargas nos versos improvisados do Jornal “A Noite”, 9 de janeiro de 1942, como afirma Farias (2018, p. 127):

Orgulho de nossa gente.
É a opinião brasileira
Que temos um presidente
Que honra a nossa bandeira.

Getúlio heroico e valente,
É a opinião nacional;
Devia ser presidente
Desde os tempos de Cabral.

Como visto, estes versos foram publicados no jornal “A noite” em 1942, antes do sucesso do seu primeiro livro publicado em 1960, Carolina de Jesus já conseguia publicar suas poesias nos jornais da cidade. Logo depois, quando Carolina percebe que não conseguia ganhar dinheiro para se manter em São Paulo, através das publicações de seus versos nas folhas dos jornais, assim como não conseguia parar nos empregos trabalhando como doméstica. Carolina chegou a pedir esmolas nas ruas para poder se alimentar, dormia em cortiços, prédios abandonados, albergues noturnos ou debaixo das pontes. Como demonstra Farias (2019, p. 242):

no contexto em que Carolina se insere com o seu livro “Quarto de Despejo”, a população paulistana, já tinha alcançado a cifra de 3.781.446 habitantes, ou seja, duas vezes mais do que quando ela chegou à cidade. Obviamente, toda essa população não conseguiu espaço na “pequena área urbana”, tampouco trabalhos decentes. Os despejos são muitos. Tanto que em 1960, São Paulo passa a ter por volta de 50 favelas, número infinitamente maior do que há vinte anos antes.

Assim como Carolina partiu do interior de Minas Gerais com a grande expectativa de melhorar de vida, outras pessoas também chegaram de outros países, como é o caso da Ásia e do Japão, tal como de outras regiões como Norte e Nordeste. Nesse sentido, com o aumento de toda esta população desempregada, o governador Dr. Adhemar (1901-1969), juntamente com o prefeito Paulo Lauro (1906-1983), ambos políticos da década de 50, fizeram com que as

pessoas desabrigadas conseguissem terrenos na futura favela do Canindé, a qual ficava localizada próximo às margens do rio Tietê.

No entanto, nada foi fácil na trajetória de vida da Carolina Maria de Jesus, ela só conseguiu um terreno na favela do Canindé no final do ano de 1948. Assim, Carolina grávida do segundo filho constrói o seu barraco com as sobras de tábuas da construção da igreja de Nossa Senhora do Brasil, doadas na época pelo Padre João Batista de Carvalho. Conta a ilustre mineira com a mesma escrita que a consagraria, alguns anos mais tarde, conforme menciona Farias (2018, p. 155-156):

todas as noites eu dava duas viagens. Eu ia de bonde, e voltava a pé com as tabuas na cabeça. Três dias eu carreguei tabuas dando duas viagens. Dêitava às duas horas da manhã. Eu ficava tão cançada que não conseguia dormir. Eu mesma fiz o meu barracãozinho. 1 metro e meio por um um metro e meio.

É importante destacar que Carolina Maria de Jesus frequentou apenas dois anos de letramento primários na escola, tornando assim a sua escrita marcada por vários erros gramaticais e ortográficos, exemplificado na citação acima nas palavras “cabeça”, “cançada”, “meio” entre outras mais. Posteriormente, devido à dificuldade de se manter empregada, e com um filho para criar, ela se obriga a catar lixo na grande cidade, e percebe que catando ferros e papéis nas ruas ela poderia vender nas fábricas de reciclagem. Com isso, Carolina consegue se manter e juntar dinheiro para construir um barraco melhor para morar na favela. É ela mesma, segundo Farias (2018, p. 165), que faz o relato detalhado da situação:

(...) precisava comprar dormentes porque Os barracões tinham que ser construído. Chovia dava enchente. E eu tinha passado uma enchente dentro d'água. O antigo barracão foi construído na terra sem assoalho passei três dias em cima da cama. Puis o fogareiro nos pés da cama comprei uma lata de carvão e li naquela posição incômoda eu preparava minhas refeições. (...). Quem fez o barracão para mim, foi o extinto Belisario e o senhor Joaquim Mathias. Eu ganhava quarenta e cinco por dia, catando papel, E pagava cinquenta cada um (...).

Os erros gramaticais na escrita de Carolina, tanto nas citações acima, quanto nos trechos retirados da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2020), os quais serão expostos posteriormente, mostra como a escrita de Carolina é autêntica e universal. De modo que todos os seus escritos mostram os reflexos das dificuldades vivenciadas pela escritora brasileira dentro da favela, apontando as adversidades sociais, além de dar voz às experiências de pessoas negras, pobres e marginalizadas. Ao escrever, Carolina faz uma denúncia ao contexto

marginalizado de urbanização excludente da cidade de São Paulo, especificamente na favela do Canindé, a qual foi desocupada em meados dos anos 1960 para a construção da Marginal do Tietê.

TESTEMUNHO E RESISTÊNCIA NA ESCRITA DE CAROLINA

A partir do centenário de falecimento da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus em 2014, a escritora brasileira passa a ganhar mais notoriedade nacional, com a sua obra mais conhecida *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada tornando-se parte tanto de pesquisas acadêmicas quanto de vestibulares como leitura obrigatória, tal como se deu com o vestibular da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Dentre muitas análises sobre a vida e a obra da escritora, neste trabalho em especial reflete-se sobre a escrita de testemunho e resistência de Carolina Maria de Jesus na obra mencionada acima. Nessa perspectiva, Seligmann-Silva (2003, p. 57) discorre em seu artigo sobre o termo literatura de testemunho:

A escrita de testemunho não se restringe ao depoimento direto, mas deve passar por elaboração atenta dos recursos de linguagem escolhidos. Um real traumático exposto pode não ser compreendido, e ainda, não ser aceito, quando seu impacto é intolerável. A configuração discursiva pode aumentar a capacidade de preservar o teor do que foi vivido junto à memória do público. A memória do testemunho desconstrói a história oficial, e a presença do estético pode cumprir um papel ético.

“A escrita de testemunho é uma forma nova de criar literatura, em contrariedade à tradição canônica” (García, 2003, p. 12). Em vista disso, com o surgimento da obra *best-seller* *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada, surge também uma escritora fora dos padrões canônicos literários. Através de seus diários produzidos com folhas recolhidas do lixo que Carolina descreve o contexto cultural, social e político no qual ela estava inserida da maneira mais miserável e desumana possível. Dessa forma, os relatos de testemunhos podem ser encontrados em vários tipos de textos literários, como salienta o autor Wilberth Salgueiro (2012, p. 286):

Há, em suma, inúmeras modalidades de testemunho, seja em relação a situações, eventos, períodos (Shoah, Gulag, genocídios, guerras, ditaduras, tortura, miséria, opressão etc.), seja em relação a formas de expressão do testemunho (memória, romance, filme, depoimento, poema, quadrinhos, canções, etc.).

No caso da escrita de Carolina Maria de Jesus, o gênero literário trata-se de um diário, neste a escritora oferece um testemunho vívido e autêntico de sua vida na favela, descrevendo inúmeras situações com os moradores, no que diz respeito às dificuldades, a pobreza, a fome e a luta diária pela sobrevivência. Seus relatos descritos nas folhas do diário são extremamente detalhistas e fortes, oferecendo um testemunho poderoso da realidade da Carolina e dos favelados na década de 1950, proporcionando uma visão interna da favela, tornando assim a sua obra literária atemporal e impactante. Vale ressaltar que os erros gramaticais na escrita de Carolina não impossibilitam a mensagem na qual a autora quer transmitir para o leitor. Veja no trecho:

(...) quando as mulheres feras invade o meu barraco, os meus filhos lhe joga pedras. Elas diz:
- Que crianças mal iducadas!
Eu digo:
- Os meus filhos estão defendendo-me. Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos (Jesus, 2020, p. 26).

“O termo testemunho se associa na tradução com a figura do mártir, o sobrevivente de uma provação” (Seligmann-Silva, 2003, p. 378). Nessa perspectiva, o testemunho é encontrado em toda a obra de Carolina Maria de Jesus, seja nas situações cotidianas entre os moradores da favela, onde ela se insere, seja nas denúncias sociais, econômicas e políticas que a autora faz constantemente, relacionadas à classe dominante. Diretamente, ele aponta para a “dificuldade de narrar os acontecimentos” (Seligmann-Silva, 2003, p. 382).

A escrita de testemunho de Carolina no que diz respeito às denúncias expostas em sua obra retrata o abandono político de sua época, uma vez que a escritora demonstra em seus relatos testemunhais uma enorme consciência do que significa exclusão social. Há uma relação direta entre ideologia nacionalista e exclusão, e se trata no testemunho de atribuir voz a subalternos excluídos. Nesse contexto, Carolina fazia uma denúncia em relação a fome incessante que os moradores da favela passavam diariamente. “É preciso conhecer a fome para saber descrevê-la”, diz Carolina (2020, p. 34). Em um outro trecho a autora diz:

(...) para mim o mundo em vez de evoluir está retornando a primitividade. Quem não conhece há de dizer: “Quem escreve isto é louco”. Mas quem passa fome há de dizer:
- Muito bem, Carolina. Os gêneros alimentícios deve ser ao alcance de todos.
(...).

(...) quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com os olhos semi-cerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade (Jesus, 2020, p. 42).

Nessa situação, escrever sobre a fome e a miséria do povo da favela era uma forma de Carolina também dar voz aos excluídos na sociedade. Outro fator importante na escrita de testemunho da escritora Carolina Maria de Jesus especificamente na obra *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada, é de que além da consciência política, Carolina apesar da pouca escolaridade também tinha consciência de negritude. Carolina também escreve em sua obra temas como: racismo, discriminação e preconceito que enfrentava diariamente como uma mulher negra que gostava de ler e escrever. Além disso, a Jesus (2020, p. 35) enaltece a cultura africana:

Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos.
(...) Nas prisões os negros eram os bodes expiatórios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz.

Diante disso, a escrita de Carolina Maria de Jesus é um ato de resistência em si mesmo. Como mulher negra e favelada, ela enfrentou inúmeras dificuldades e discriminações ao longo de sua vida. No entanto, a autora encontrou na escrita uma forma de resistir e de lutar contra a invisibilidade e o silenciamento social dos excluídos. De acordo com Bosi (2002, p. 118):

Resistência é um conceito originariamente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é in/sistir, o antônimo familiar é de/sistir.

No caso de Carolina, além do contato com a leitura e de gostar de escrever, ela insistia em escrever no diário com um propósito: “(...) é que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela (...)” (Jesus, 2020, p. 33). Nesse sentido, o fato de Carolina não escrever esteticamente de acordo com a gramática normativa, já confirma a resistência e a potência de sua obra. Carolina não retratava só as dificuldades, fome ou tristeza, em seu diário, em muitos trechos a escritora utiliza uma linguagem mais rebuscada, fazendo um jogo entre metáforas e poesia, como se fosse uma fuga da realidade, na qual ela estava inserida, assim diz Jesus (2020, p. 36):

(...) eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.

(...) a noite está tépida. O céu já está salpicado de estrelas. Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido.

Assim, Carolina retrata a favela como um “quarto de despejo” para passar a ideia de que a favela é um local onde a sociedade despeja os excluídos. Ao usar essa metáfora, Carolina destaca a condição de marginalização e abandono em que vivem os habitantes das favelas, mostrando como são tratados como descartáveis pela sociedade. Quando ela utiliza a expressão "quarto de despejo" também evoca a ideia de que a favela é um espaço de acumulação de tudo o que é indesejado pela sociedade. Dessa maneira, a escritora faz uma denúncia a injustiça social, sobretudo a exclusão dos moradores da favela.

A poesia também é uma forma de resistência cultural e linguística, visto que Carolina utiliza uma linguagem que não segue as normas gramaticais estabelecidas. No entanto, é uma linguagem autêntica e expressiva, na qual a autora dispõe de recursos poéticos para transmitir suas emoções e sentimentos de forma mais intensa e profunda. Ao utilizar a poesia em sua escrita de testemunho, Carolina mostra que a arte e a literatura também são formas de resistência e de luta contra a opressão e a exclusão social, e que a beleza e a emoção podem ser encontradas mesmo nas condições mais difíceis e contrárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil não estava preparado para Carolina Maria de Jesus na década de 60, época em que o preconceito de raça, de classe e sobretudo, o preconceito dos intelectuais era predominante no Brasil, sobretudo para uma mulher pobre, negra e mãe de três filhos. Carolina foi neta de descendentes de escravos, filha de pais negros, pobres e analfabetos, diante de todo este cenário contraditório testemunhado, encontrou uma maneira de resistir através da escrita.

Nesse sentido, é que a escrita de testemunho e resistência de Carolina Maria de Jesus em *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada, é um reflexo crucial do contexto histórico e social no qual a autora estava inserida. Dessa maneira, ao retratar sua vida na favela do Canindé em São Paulo na década de 50, Carolina expõe, a miséria, a fome, o preconceito e as dificuldades testemunhadas.

Diante deste cenário, Carolina se destaca como uma voz que rompeu o silêncio imposto aos marginalizados, expondo a face mais cruel da urbanização desigual e denunciando as

condições desumanas nas quais ela vivenciava dentro e fora da favela. A escrita espontânea de Carolina também é um ato de resistência cultural, política e social, na qual desafia os cânones literários e exige o direito de se expressar, embora sendo uma mulher negra.

Desse modo, ao escrever sobre a vida cotidiana na favela do Canindé, Carolina oferece um testemunho vívido, impactante e resistente, na qual deixa marca na literatura contemporânea. Em suma, a escrita de testemunho e resistência de Carolina Maria de Jesus em *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, não apenas marca a realidade histórica e social de uma escritora que residia em uma favela, e sim contribui para enriquecer o patrimônio literário e cultural do Brasil.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In: **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 118-133.

FARIAS, Tom. **Carolina: uma biografia**. São Paulo: Malê, 2018.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Edição comemorativa (1960-2020). 1. Ed. São Paulo: Editora Ática, 2020.

SALGUEIRO, Wilberth. O que é literatura de testemunho (E considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André DuRap). **Matraga**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ. Rio de Janeiro, UERJ, v. 19, n. 31, jul./dez. 2012, p. 284-303.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão. In: __, org. **História, memória, literatura**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.